

06/11/2014 - 05:00

Dívidas precisam ter limite no orçamento

Por **Lilian Sobral**

A facilidade na oferta de crédito, os altos juros bancários e a inflação são alguns dos fatores que têm dificultado o pagamento de dívidas que parecem inofensivas. Endividar-se pode ser a única maneira de conquistar certos bens, e a facilidade em adquirir um empréstimo pessoal torna a prática ainda mais tentadora. Mas, como explica Leticia Camargo, planejadora financeira certificada pelo IBCPF, é preciso impor limites.

Com algumas exceções de acordo com a profissão e a renda do consumidor, as compras parceladas não deveriam comprometer mais que 30% do rendimento mensal. É importante ressaltar que o nível de endividamento "sadio" tem algumas variantes. Um executivo que tem parte de sua remuneração baseada em bônus, por exemplo, não deveria incluir o valor na renda mensal, já que esse é imprevisível. Parece uma conta simples, mas o risco de inadimplência persiste.

"Há basicamente dois tipos de endividados: o eventual, que ficou inadimplente por uma situação pontual, e o crônico, que assume dívidas que não poderá pagar", diz Leticia. Educação financeira é o primeiro passo para evitar que as dívidas se transformem em dor de cabeça. A questão comportamental também pesa. "Existem consumidores que enxergam o cartão de crédito ou cheque especial como renda extra", afirma Marcela Kawauti, economista-chefe do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil).

Vale lembrar que essas estão entre as modalidades mais caras. Os juros cobrados para quem rola uma dívida no cartão de crédito podem chegar a 700% ao ano, dependendo do plástico. No cheque especial, segundo levantamento do Banco Central, o juro médio alcançou 183,3% ao ano em setembro, o maior em mais de 15 anos.

Quando todos os cuidados para evitar atraso não são suficientes, a primeira dica é arrumar a casa com uma análise cuidadosa de todas as contas pessoais. A planejadora financeira recomenda fazer uma planilha de todos os gastos, identificar o que é supérfluo, em que áreas podem ser feitos cortes e estudar produtos e serviços mais baratos. O segundo passo é pensar nas estratégias para sanar as dívidas. "O consumidor pode estudar desde empréstimos com juros menores até negociações para alargar prazos e diminuir o valor de cada parcela", diz Leticia. Para quem tem dívida no cartão ou cheque especial, uma alternativa pode ser trocá-la por um crédito pessoal, mais barato: a taxa média, segundo o BC, ficou em 96,3% anuais em setembro.

Leticia lembra que é preciso analisar o Custo Efetivo Total (CET) de uma dívida, que inclui todos os encargos que podem incidir sobre as parcelas das operações de crédito. Quanto mais alto o CET, diz, maior a urgência em quitar uma dívida. Uma negociação pode ser o caminho para alcançar juros mais baixos, parcelas menores e prazos mais longos. Mas o importante é que o endividado feche acordos que possa honrar. Neste momento, ter controle financeiro e emocional é importante, principalmente para abrir mão de parcelas bens menores, como de um celular, e não fundamentais.